

**UNIVERSIDADE BRASIL
CURSO DE PSICOLOGIA**

**PENSANDO A TECNOLOGIA E O EMPREENDEDORISMO
NA CARREIRA DA PSICOLOGIA**

Gleice Daiana Sousa Rosa
Aluna do curso de graduação de Psicologia
Orientador: Prof. Me. Fábio Pinheiro Santos

São Paulo
2018

**PENSANDO A TECNOLOGIA E O EMPREENDEDORISMO
NA CARREIRA DA PSICOLOGIA**

Gleice Daiana Sousa Rosa

Aluna do curso de graduação de Psicologia

Orientador: Prof. Me. Fábio Pinheiro Santos

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado à Universidade Brasil, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

São Paulo

2018

RESUMO

O presente trabalho aborda o olhar do empreendedorismo na carreira da Psicologia com enfoque nos formandos e recém-formados na área considerando a era exponencial e as transformações tecnológicas da época atual e seus desdobramentos no mercado de trabalho. Vivemos no mundo Volátil, Incerto, Complexo e Ambíguo (VICA) onde tudo é alterado, modificado em uma velocidade incalculável, com isto torna-se necessário inovar em qualquer esfera. Na carreira do Psicólogo não poderia ser diferente, criar formas de se posicionar na profissão, sobretudo trazer o conceito da atitude empreendedora para dentro deste universo é uma inevitabilidade. Para isso foi realizado levantamento bibliográfico de artigos científicos atuais e literários relacionados ao tema. Concluiu-se que pensar na Psicologia enquanto profissão atrelando à mentalidade empreendedora, pode acelerar a inserção na carreira, trazendo retorno financeiro e desenvolvimento com maior celeridade, e em contrapartida beneficiar a sociedade através da disponibilidade de psicólogos para atender as diversas demandas.

Palavras-Chave: Psicologia; Carreira; Empreendedorismo; Mercado de Trabalho.

1 INTRODUÇÃO

Com a intenção de meditar sobre a possibilidade do conceito e a prática do empreendedorismo serem apresentados dentro da formação acadêmica do psicólogo, serão articulados no decorrer deste artigo assuntos que os abarcam como, por exemplo, a era exponencial a qual estamos inseridos, as tendências tecnológicas que modificaram completamente a forma em que vivemos e nos comunicamos, bem como o impacto destes no atual mercado de trabalho para os formandos e os profissionais recém formados em Psicologia.

Para Muhammad Yunus (2003), um dos pioneiros do empreendedorismo social a educação nesse sentido beneficia toda a sociedade.

A educação empreendedora pode ser um agente de mudança social, um grande facilitador em todos os setores. Nem todo mundo precisa se tornar um empreendedor para beneficiar-se da educação empreendedora, mas todos os membros da sociedade têm de ser mais empreendedores (YUNUS, 2003. p).

Sob a luz deste viés, o artigo segue com o intuito de provocar uma reflexão acerca do tema para que seja mais explorado dentro deste universo da educação na psicologia, onde é possível beber desta fonte e aprofundar-se dentro dela podendo possibilitar aos futuros alunos e profissionais fazerem uso deste conhecimento tornando sua perspectiva de inserção e início de carreira ampliadas e com maior brevidade. Complementando, é instigar a curiosidade referente à temática trazendo a devida relevância à sua urgente aplicabilidade, considerando a importância que reflete a atuação do psicólogo no meio social.

1.1 CONCEITO DE EMPREENDEDORISMO

Há muito tempo o tema empreendedorismo vem sendo alvo de estudo e pesquisado por diferentes áreas do conhecimento: administração, economia e psicologia.

No espaço da economia o empreendedor combina trabalho, materiais e

recursos mais outros ativos para expandir o valor inicial, porém também sugere inovação e transformações. Dentro do campo psicológico os estudos sobre o empreendedorismo ainda se encontram no início, contudo David McClelland e Hagen apresentam teses acerca do assunto. Considerando o olhar dos dois estudiosos é perceptível que o empreendedorismo está dividido em duas visões, onde classifica o comportamento empreendedor em dois grupos: Um grupo que o isola na personalidade (intrínseco) e outro que exprime que empreendedorismo é de natureza psicossocial, ou seja o comportamento empreendedor nasce a partir da relação do indivíduo com o meio.

Segundo McClelland o empreendedorismo existe a partir da personalidade do indivíduo, para acontecer, este deve ser um ser realizador, enquanto Hagen reflete que passa a existir através das interações e vivências sociais. As argumentações de McClelland e Hagen são, comumente contrapostas hoje, entretanto apesar das diversas críticas, são muito válidas as contribuições de seus estudos para a compreensão do perfil psicológico da figura do empreendedor. Na atualidade, podemos observar as variações de negócios e tipos de empreendedor. Pesquisas novas sobre o perfil do empreendedor são apresentadas, sabendo que possuem uma vasta diversidade em suas habilidades, motivações, conhecimento educacional, competências sociais e tino para negócio. Essa abordagem é chamada de construtivista. Já análise do tipo psicológico do empreendedor dentro da teoria construtivista tem sido bem aceita pelo universo do empreendedorismo.

Para os administradores o assunto ainda é algo a ser pesquisado em profundidade, não fechando definições, apesar da temática ter crescido nas pesquisas científicas da área, entretanto sem definir conceitos concretos.

O empreendedorismo pode ser entendido como a arte de criar e realizar algo de forma inovadora, apaixonada, motivada e criativa. Ainda é possível compreender como proatividade comportamental frente à desafios não solucionados. É estar aberto para novos aprendizados de forma constante, possibilitando o aproveitamento total das potencialidades do indivíduo, assumindo riscos e atrelando todo o processo da experiência à mentalidade de crescimento e autoconhecimento. É a energia que impulsiona a economia alavancando as novas ideias.

Segundo Schumpeter (1988), é um processo de “destruição criativa”, através da qual produtos ou métodos de produção existentes são destruídos e substituídos por novos.

Diante desta perspectiva, pode se dizer que empreendedorismo é uma forma de quebrar padrões, onde o status quo está em constante movimento. Tudo é renovado apresentando-se de forma totalmente diferente ao estado anterior.

Para Barreto (1998) Empreendedorismo é habilidade de criar e constituir algo a partir de muito pouco ou de quase nada.

Empreendedorismo neste contexto significa buscar alternativas dentro da situação em que se encontra utilizando os recursos disponíveis no momento. Criar o diferente, fazendo surgir a partir de então um produto não experimentado, um novo conhecimento, sendo visionário e pioneiro.

Já para Dornelas (2008) empreendedor é aquele que detecta uma oportunidade e cria um negócio para capitalizar sobre ela, assumindo riscos calculados.

O pensamento de Dornelas vem de encontro com a mentalidade empreendedora que precisa começar a ser fomentada dentro do mundo da psicologia, pois se é declarada como profissão espera-se monetizá-la como qualquer outro ofício. Muito embora exista um rótulo de atividade “nobre” em que a sociedade credita, a qual acaba por distorcer e descapitalizar a classe, partindo da premissa que é um tipo de serviço que não deveria ser cobrado, o que precisa ser desconstruído. Em relação ao que aponta a fala de Dornelas sobre correr riscos calculados, também cabe dentro do empreendedorismo a ser observado na formação do psicólogo, levando em consideração que é possível detectar oportunidades de criar algo inovador dentro dos nichos de atuação em que o profissional domina tecnicamente e tem paixão, pois quando há prazer em realizar algo as chances dos resultados serem frutíferos tornam-se aumentadas diminuindo percentual de insucesso, embora não o exclua por completo.

Apesar de cada pensador apresentar olhares amplos sobre o tema, as

definições se cruzam em aspectos comuns, destacando pontos que se conectam: Possuir paixão pelo que faz e se colocar de forma proativa para criar algo; Trazer transformação para o ambiente econômico e social onde vive; e por fim Assumir a possibilidade de fracassar assumindo riscos calculados.

1.2 INOVAÇÃO, TECNOLOGIA E MÍDIAS SOCIAIS EM PSICOLOGIA

Em sua grande maioria, os profissionais da psicologia saem da faculdade com um repertório teórico bem formado, entretanto com pouco conhecimento no sentido de entender a complexidade do mercado de trabalho na prática, a necessidade de incorporar as novas competências e tendências exigidas por ele e as possibilidades de nichos de atuação dentro da profissão. Por isto aponta-se a necessidade de mudança de *mindset* ou mentalidade.

É comum observar alguns comentários sobre a graduação em psicologia, como por exemplo: estude psicologia por amor e não por dinheiro ou não é possível viver financeiramente somente atuando como profissional da psicologia clínica. Também é notório que existe uma distorção sobre o ofício do psicólogo sendo mais intensificado nas áreas social e clínica, onde ainda existe o reforço da sociedade em enxergar como um tipo de serviço “voluntário”, com nenhuma ou baixa remuneração. Esta é uma discussão muito presente ao longo do processo de formação entre os alunos do curso, o que reflete a forma como o profissional se posiciona no mundo do trabalho.

São inicialmente cinco anos de muito estudo e investimento na formação, permeando por diversas teorias, conceitos históricos, vivência em estágios nas mais variadas áreas de atuação e o teste final, sendo o artigo acadêmico ou o Trabalho de Conclusão de Curso, a linha tênue que separa o ser ou não psicólogo. Com tudo concluído nasce o recém-formado em psicologia, que ao receber o número do registro de classe que regulamenta e o atesta como profissional emitido pelo Conselho Regional de Psicologia (CRP), permite que inicie a sua prática vestido da nova persona. Porém, a realidade pode apresentar-se de forma bem distinta à ideação inicial, que é a de se formar e já conseguir atuar.

Nunca na sociedade se falou tanto sobre tecnologia, algoritmos e futuro. Este

tema está sendo abordado pelos mais variados públicos: futuristas, professores, consultores, médicos e inclusive os profissionais de psicologia estão se dedicando a estudar as mudanças que surgiram e as que surgirão, buscando mapear os cenários da transformações futuristas que não se limitarão à padrões estabelecidos. A velocidade em que tudo se transforma é absurda, alguns já chamam estes tempos de "a era exponencial" que denota velocidade e novo formato de tudo.

Segundo a Estrategista de Inovação, Instrutora de Liderança Exponencial e CEO da W Futurismo, Jaqueline Weigel, para o site O Futuro Exponencial (2018):

A era exponencial, anunciada na Quarta Revolução Industrial, propõe como fase inicial a digitalização do mundo, e tem como principal característica a ruptura dos modelos que conhecemos no mundo tradicional, e dá espaço para que possamos conhecer disciplinas como Futurismo, globalmente conhecido como Foresight, que estuda de maneira pragmática os sinais dos futuros e as Mega Tendências de transformação da sociedade e dos negócios (WEIGEL, 2018)

Assim sendo, este cenário já chegou na realidade dos psicólogos, trazendo imensuráveis alternativas de atuação e um olhar superpositivo, considerando os recursos disponíveis das mídias digitais como Facebook, Instagram, Youtube, Ferramentas do Google e Whatsapp que trouxeram uma forma diferente de dialogar e divulgar a magnitude da profissão à sociedade, através da produção e compartilhamento de conteúdo digital.

1.3 PSICOLOGIA COMO PROFISSÃO

Para Freidson (1996), o conceito de profissão remete, essencialmente, a um tipo específico de trabalho especializado, teoricamente fundado. Para ele para que uma atividade seja reconhecida como profissão é necessário que não só se detenha um conhecimento delimitado, complexo e institucionalizado, como também precisa organizar seus interesses em associações profissionais que tenham conduta padronizada entre seus pares, sendo assim, autorregulado.

A psicologia foi regulamentada como profissão no Brasil apenas em 1962, e desde então houve um crescimento do número de psicólogos graduados.

A criação dos cursos de Psicologia e a regulamentação da profissão de psicólogo foram acontecimentos decisivos para a ampliação do mercado nas capitais e a extensão de sua área e campos de intervenção. Segundo (Rosas, Rosas e Xavier 1988, p. 40)

Em 1988, o Conselho Federal de Psicologia realizou o primeiro grande levantamento sobre a profissão no Brasil e teve acesso a informação de que o estoque de psicólogos graduados atingiu 102.862 em 1985, e desde então esse número tem crescido exponencialmente com a proliferação conhecida de instituições particulares de acordo com Rosas, Rosas & Xavier (1988) nessa época, havia 58.277 profissionais registrados nos Conselhos de Psicologia. Foi pensando nessa crescente que houve a necessidade dos profissionais da psicologia precisaram ter um cadastro que o habilitava para exercer a profissão. E Junto com esse cadastro foi necessário explicitar as funções pertinentes a profissão. O que foi feito no Decreto nº 53.464:

Art. 4º - São funções do psicólogo: 1) Utilizar métodos e técnicas psicológicas com o objetivo de: a) diagnóstico psicológico; b) orientação e seleção profissional; c) orientação psicopedagógica; d) solução de problemas de ajustamento. 2) Dirigir serviços de Psicologia em órgãos e estabelecimentos públicos, autárquicos, paraestatais, de economia mista e particulares. 3) Ensinar as cadeiras ou disciplinas de Psicologia nos vários níveis de ensino, observadas as demais exigências da legislação em vigor. 4) Supervisionar profissionais e alunos em trabalhos teóricos e práticos de Psicologia. 5) Assessorar, tecnicamente, órgãos e estabelecimentos públicos, autárquicos, paraestatais, de economia mista e particulares. 6) Realizar perícias e emitir pareceres sobre a matéria de Psicologia (Brasil, 1964).

A partir da década de 1970, período de repressão pela ditadura militar houve um grande crescimento no número de profissionais formados e houve um acolhimento da profissão pelas classes médias e altas. Para Langenbach (1988) o contexto de repressão criado pelo sistema autoritário aqui instalado foram propícios para o surgimento da demanda pelo profissional psicoterapeuta.

A própria ausência de canais de participação – o silenciar sendo uma palavra de ordem – tornava atraente e válido este tipo de espaço. Tal

validade era reafirmada pelo próprio Estado, por serem consideradas as práticas em psicologia provavelmente pouco ameaçadoras, já que, privilegiando a esfera íntima e privada, nela ficariam camufladas complexas questões sociais (Langenbach, 1988, p. 88).

Se instalou então a psicologia como uma profissão exercida na clínica e em consultórios particulares. Essa realidade não tem se alterado muito desde então, e então fica o questionamento do motivo de praticamente metade dos psicólogos formados não estarem atuando na área de formação. Segundo dados do Conselho federal de psicologia (CFP) indiscutivelmente sabe-se que clínicas e consultórios psicológicos são, os locais onde mais se concentra o trabalho do psicólogo, seja para ali desenvolverem suas atividades principais ou complementares. Se tratando de um trabalho na maioria das vezes autônomo.

Outro fato importante a se pensar é sobre a carga horária e como consequência a remuneração atribuída a ela, se compararmos com a realidade das outras profissões, Pasquali (1988) conclui que a nossa carga horária semanal média de trabalho é "visivelmente inferior à média das profissões em geral no País", com isso pensamos em rendimentos menores do que outras profissões. Com isso os profissionais têm necessidade de se reinventar e buscar novas formas de se promover e se sustentar numa área tão concorrida e já saturada pela grande demanda.

2 DISCUSSÃO

É sabido que qualquer início de carreira independente da profissão não ocorre de forma simples ou imediata, sobretudo em psicologia que apresenta um variado campo a ser adentrado, oferecendo um bom leque de opções de áreas de atuação, sendo as alternativas mais visitadas: Clínica, Organizacional, Social e Escolar.

Quando o foco e predileção inclinam-se à vertente clínica em formato autônomo ou profissional liberal, pode ser um processo de inserção ainda mais moroso e complicado devido à falta de recursos financeiros para infraestrutura e desconhecimento sobre assuntos relacionados à "empreendedorismo" que são de extrema relevância, a seguir explicitados: análise da concorrência, modelo de negócio,

fluxo de caixa, capital de giro, marketing, captação de clientes, oferta de serviços, nicho de negócio e demais temas do âmbito. Sem contar o pouco manejo com documentos específicos da clínica psicológica que devem ser executados durante a prestação de serviços em processo terapêutico, os quais também entram na lista de custos fixos.

Além dos saberes sobre empreender, que inclusive ainda não se tornou uma disciplina no curso de psicologia existe a lacuna em relação à inserção da tecnologia dentro deste terreno. Como vimos no capítulo anterior estes recursos já chegaram ao alcance da psicologia, trazendo ferramentas que possibilitam atuar na profissão, apresentando um excelente custo benefício, como o modelo de marketplace que exhibe uma plataforma tecnológica para a divulgação do serviço de terapia e em conjunto possibilita realizar atendimento online com segurança abrangendo um amplo público, pois a globalização permite que muitas pessoas sejam inseridas nessa gama e tenham acesso à atendimento terapêutico em qualquer lugar do mundo. É válido ressaltar que inclusive o CFP - Conselho federal de Psicologia, publicou recentemente a Resolução CFP nº 11/2018, que atualiza a Resolução CFP nº 11/2012 sobre atendimento psicológico on-line e demais serviços realizados por meios tecnológicos de comunicação a distância.

Ferramentas como estas além de auxiliar o psicólogo em sua imersão no mundo do trabalho, apresentando uma espécie de “consultório virtual”, oportuniza a monetização para profissionais com poucos recursos financeiros para investir em um espaço físico.

Outro aspecto positivo é o impacto social inclusivo, ao passo que dá a oportunidade de acesso à terapia independente da geolocalização não sendo necessário o deslocamento físico, facilitando o alcance para pessoas com mobilidade reduzida. Tudo isto leva a pensar que se faz necessário a inclusão deste tipo de conhecimento na formação em psicologia o mais breve possível.

3 CONCLUSÃO

Conclui-se que conhecer o mundo do empreendedorismo e atrelá-lo à prática durante o período acadêmico pode ser uma boa estratégia para o início ou desenvolvimento da carreira em psicologia, pois estimula a atitude empreendedora de criar, compartilhar, se conectar com pessoas ou formar uma rede que pode ser um suporte neste momento do nascimento da identidade do profissional psicólogo.

Não é suficiente dominar teorias se não desenvolver competências tão essenciais na era atual. Expor uma postura propositiva, de forma que promova a profissão ao mercado através da transmissão de informações e compartilhamento de conhecimento sobre saúde mental, emocional e promoção do bem-estar na sociedade, nas organizações e/ou instituições, muda o posicionamento do profissional criando inúmeras possibilidades de ter um começo bem-sucedido.

Ter atitude empreendedora vai muito além de possuir ou não uma empresa, é em sua essência um comportamento que pode ser aprendido e desenvolvido. Desta forma estimular no psicólogo o pensamento empreendedor em seu processo de formação, o instrui a identificar demandas trazendo novas ideias que podem criar oportunidades para benefício próprio e para benefício da comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, L. P. **Educação para o empreendedorismo**. Educação Brasileira, 20(41), pp. 189-197. Bennett, S. J. (1998).

Brasil. Decreto-lei nº 53.464 de 21 de janeiro de 1964. Regulamenta a Lei nº 4.119, de agosto de 1962, que dispõe sobre a Profissão de Psicólogo. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-53464-21-janeiro-1964-393504-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em 25/10/2018>

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo: Dando Asas ao Espírito Empreendedor**. São Paulo, Editora Saraiva. Cap.01, pg7. 2006

Conselho Federal de Psicologia. Disponível em <https://site.cfp.org.br/cfp-publica-nova-resolucao-sobre-atendimento-psicologico-online/> Acesso em 30/10/2018

Dornelas, J. C. A. **Empreendedorismo: transformando idéias em negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier. Falcão. J. M. (2008).

FREIDSON, E. **Para uma análise comparada das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 31, 141-154. 1996

KELLY, Kevin. **Inevitável - As 12 forças tecnológicas que mudarão o mundo**. 2016
Langenbach, M. & Negreiros, T. C. G. M. A formação complementar: um labirinto profissional. Em: Conselho Federal de Psicologia. Quem é o psicólogo brasileiro? (pp.86-99) São Paulo: Edicon 1988.

Ministério da educação (MEC). Disponível em <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/35039> HYPERLINK
"http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/35039 Acesso em 01/11/2018" Acesso em 01/11/2018

PASQUALI. L. **Condições de Trabalho do Psicólogo**. In: Conselho Federal de Psicologia. Quem é o Psicólogo Brasileiro. São Paulo: Edicon, cap 9. p. 149-162. 1988

SCHUMPETER, J. A. **A teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo, Nova Cultura. 1988

ROSAS, P.; ROSAS, A.; XAVIER, I. B. **Quantos e quem somos**. Em: Conselho Federal de Psicologia. Quem é o psicólogo brasileiro? (pp.32-48) São Paulo: Edicon. 1988

Yunus, M. O banqueiro dos pobres. São Paulo: Ática. 2003

WEIGEL, Jaqueline. **A era exponencial e sua influência na sociedade**. 2018 Disponível em <https://futuroexponencial.com/era-exponencial-sociedade/> Acesso em 29/10/2018